



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

CHRISTIE DE ANDRADE ELLER



Panti e o Leão Dourado:

Projeto gráfico de livro infanto-juvenil

RIO DE JANEIRO, RJ
2021

CHRISTIE DE ANDRADE ELLER

Panti e o Leão Dourado:
Projeto gráfico de livro infanto-juvenil

Trabalho de conclusão de curso de
Bacharelado em Comunicação Visual
Design realizado sob orientação da
professora Raquel Ponte.

**RIO DE JANEIRO, RJ
2021**

CIP - Catalogação na Publicação

E45p Eller, Christie de Andrade
Panti e o Leão Dourado: Projeto gráfico de livro
infanto-juvenil / Christie de Andrade Eller. -- Rio
de Janeiro, 2021.
48 f.

Orientadora: Raquel Ponte.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2021.

1. Cultura indígena. 2. Projeto editorial. 3.
Reforço cultural. 4. Ilustração. I. Ponte, Raquel,
orient. II. Título.

1. Introdução	
1.1. Histórias para dormir.....	7
1.2. O livro	7
1.2.1. Resumo do livro	9
1.3. Referencial teórico.....	10
2. O tema	
2.1. A importância do reforço cultural na educação básica	10
2.2. Classificação de faixa etária em livros	13
2.3. Representatividade do tema indígena na literatura infanto juvenil e a competição com a literatura estrangeira	14
2.4. A literatura indígena.....	16
3. A ilustração	
3.1. O que é?	19
3.2. Ilustração em livros	20
4. O projeto	
4.1. Referências de livro	21
4.2. A cor	23
4.3. As ilustrações	24
4.3.1. Personagens: Panti	25
4.3.2. Personagens: Dourado e Iakassu	27
4.3.3. Outros personagens.....	29
4.3.4. Ilustrações dos capítulos.....	30
4.3.5. Ilustrações de vinheta	34
4.4. Tipografia	37
4.5. Diagramação	38
4.6. Espelho.....	39
4.7. Mockups	40
4.8. Capa	43
5. Financiamento coletivo	
5.1. O processo	44
5.2. Recompensas para apoiadores	44
5.2.1. Livro digital e impresso.....	45
5.2.2. Pin.....	45
5.2.3. Marca páginas.....	46
5.2.4. Poster.....	47
6. Conclusão	48
7. Referências bibliográficas	49

Agradeço à minha família que mesmo em um momento tão incerto, em meio a uma pandemia, que me deram carinho, cuidado, apoio, base e estrutura. Obrigada aos meus pais, que sempre incentivaram e me deram liberdade para fazer minhas escolhas. Que apesar das dificuldades, me apoiaram a ir para outra cidade fazer faculdade e lutar.

Agradeço a minha mãe, Iracy de Andrade, por ser minha maior inspiração na vida. Por me incentivar a buscar mais e enfrentar as coisas que não conseguimos controlar de cabeça erguida e ser meu exemplo de pessoa guerreira.

Obrigado ao meu pai, Osmério Eller, autor de “Panti e o Leão dourado” por fazer essa e outras histórias. Por sempre tentar passar seus conhecimentos na forma de histórias, indicação de músicas e livros.

Agradeço a minha irmã, Jennifer Eller, por ser meu suporte e companheira de casa em outra cidade, por ser minha crítica número um e me incentivar sempre a melhorar e ir mais fundo.

Muitos agradecimentos à minha orientadora Raquel Ponte, que me ajudou a direcionar as minhas ideias iniciais, fazendo provocações e me tranquilizando sobre o andamento do projeto. Agradeço o incentivo, direcionamentos e toda a paciência envolvidas no processo, além de me ajudar e me dar confiança na estruturação e pesquisa deste trabalho escrito.

Agradeço a todos que participaram dos trabalhos em grupo da faculdade. Principalmente à Aléxia e Nicolle, que formaram o trio de muitos e muitos projetos nesses anos.

Agradeço a Aléxia Massena, por ser capaz de manter um cronograma e documentação dos projetos mesmo no início da faculdade, onde ninguém sabia o que era certo ainda. Obrigada por ser ao mesmo tempo uma pessoa tão madura e tão “viva”.

Agradeço a Nicolle Motta, que depois de timidamente entrar no primeiro grupo de seminário, ficou sempre no nosso grupo. Com bom humor e calma, mas reclamando quando precisava.

A todos os professores, que a cada disciplina, foram expandindo meu horizonte de possibilidades, metodologias e diversidade. Entrei na faculdade pensando saber o que queria fazer e agora saio sabendo que o mundo de design é enorme, e quanto mais sabemos, mais sentimos a necessidade de saber mais.

Resumo

Esta monografia apresenta o desenvolvimento do projeto “Panti e o Leão Dourado”, livro de ficção que aborda a cultura e as tradições indígenas. Como embasamento teórico, foram realizadas pesquisas sobre o ato de contar histórias, a importância da inclusão e reforço das diferentes culturas de nosso povo na literatura infanto-juvenil. Para criar engajamento com o público-alvo, foram desenvolvidas ilustrações de suporte ao conteúdo, criando um vínculo emocional com o leitor.

“Panti e o Leão Dourado” é o fruto de diversas experiências do autor, alinhados às formas de comunicação que o design traz. Tem como produto um livro que torna as lendas dos povos indígenas algo vivo no dia a dia do pequeno curumim Panti, de forma com que as ilustrações conversem ao longo do texto.

Palavras-chave: cultura indígena, projeto editorial, reforço cultural, ilustração

1 - Introdução

1.1 – Histórias para dormir

A literatura sempre esteve presente em nossas vidas. Antes mesmo da leitura e da escrita, já ouvíamos as canções de ninar, as histórias contadas pelos familiares. Depois, o contato direto com a literatura infantil, juvenil e assim por diante. Um estudo recente relacionado ao tema de incentivo à leitura na primeira infância, realizado pela Fundação Itaú e a Universidade de São Paulo (2016), mostra que ler para a criança gera benefícios tanto para a relação familiar, melhorando e estreitando o relacionamento entre pais e filhos, como para o desenvolvimento e habilidades criativas, críticas, cognitivas, não cognitivas e sociais. Além disso, essa prática se torna um estímulo para que a criança desenvolva por si mesma o interesse pela leitura.

Dessa forma, o ato de contar histórias para crianças moldou minha vida. Não do ponto de vista apenas do contador ou do ouvinte, mas um pouco de ambos. Quando criança, meu pai contava histórias para que eu e minha irmã dormíssemos. Mas ele não tinha o hábito de contar histórias convencionais como os contos dos Irmãos Grimm, fábulas ou outros clássicos infantis. Ele criava histórias ali, naquele momento, reunindo experiências vividas e às vezes complementando outras histórias que já tinha contado anteriormente. Isso dava abertura para que nós, ouvintes, também participássemos da história, e íamos construindo os acontecimentos, diálogos, indagando sobre assuntos com os quais não concordávamos, até que finalmente caíssemos no sono.

Ele dizia que eu era muito interativa e várias histórias foram criadas dessa forma, com meu pai como autor principal, e eu e minha irmã como coautoras. E graças a essa experiência, desde cedo estive em contato com diversos temas, entre eles as lendas indígenas e o folclore brasileiro. Considero isso um privilégio, pois sei que poucas crianças tiveram esta vivência cultural logo na primeira infância e isso fez com que eu me tornasse uma criança mais curiosa e criativa. O que depois me levou para o desenho, a ilustração e finalmente para a Escola de Belas Artes e ao curso de Design.

1.2 - O livro

Uma destas histórias criadas se tornou um livro escrito por meu pai, objeto do presente trabalho de conclusão do curso.

“Panti e o Leão Dourado” é uma ficção e não tem a pretensão de focar em uma cultura indígena específica. O livro aborda de forma subjetiva as expressões culturais de diversos povos indígenas por meio de um personagem cheio de dúvidas, porém muito esperto. É um conto literário voltado para o universo infanto-juvenil, com a possibilidade de ser utilizado como livro paradidático.

Nas palavras de Menezes¹:

São livros e materiais que, sem serem propriamente didáticos, são utilizados para este fim. Os paradidáticos são considerados importantes porque podem utilizar aspectos mais lúdicos que os didáticos e, dessa forma, serem eficientes do ponto de vista pedagógico. Recebem esse nome porque são adotados de forma paralela aos materiais convencionais, sem substituir os didáticos.

O livro relata a aventura de um indiozinho chamado Panti, que encontra na floresta um filhote de um animal que não conhecia. A presença deste ser estranho, que Panti logo quis adotar como animal de estimação, atrai a atenção de pessoas fora da aldeia e gera discussões entre o pajé e o cacique sobre as consequências deste filhote vir a conviver em um ambiente estranho ao seu ecossistema. Panti tem como mentor e amigo o Pajé Mauus que, ao longo do enredo, além de outros ensinamentos básicos da aldeia, conta histórias e lendas da cultura indígena. E essas histórias são assimiladas naturalmente pelo menino e acabam moldando o caráter e o pensamento do indiozinho, o ajudando em diferentes situações cotidianas.

¹ MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete paradidáticos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/paradidaticos/>>. Acesso em 21 mar 2021.

1.2.1 – Resumo do livro

Panti e o Leão Dourado, apesar de introduzir um animal diferente da cultura indígena, traz a história de um jovem curumim órfão que, após a queda de um avião devido a uma tempestade, encontra um filhote de Leão na floresta. Após levá-lo para aldeia, Panti desenvolve um afeto muito grande pelo leão, e acaba passando quase todo o seu tempo brincando com ele e seu cachorro lakassu. Depois de um tempo, os responsáveis pelo leão chegam na aldeia e pedem ao Cacique e ao Pajé para que os deixem levar o leão de volta para seu habitat. Porém Panti, que estava ouvindo escondido a conversa, não queria devolver o leão. Então ele decide fugir da aldeia junto com Dourado, como eles já chamavam o leãozinho, e lakassu.

Então Panti, agora como fugitivo, vai se aventurando pela floresta, cada vez mais fundo. Nesse momento, Panti se depara com um garimpo ilegal e é capturado junto com Dourado, mas ele consegue mandar lakassu em busca de ajuda.

Os garimpeiros ainda estavam decidindo o que fazer com o menino, então um deles, o homem de chapéu, ajuda Panti a fugir, mas deixando Dourado para trás. Ao mesmo tempo, lakassu chega na aldeia e consegue convencer o cacique a segui-lo, junto com alguns homens. Com isso, eles acabam se encontrando no meio do caminho.

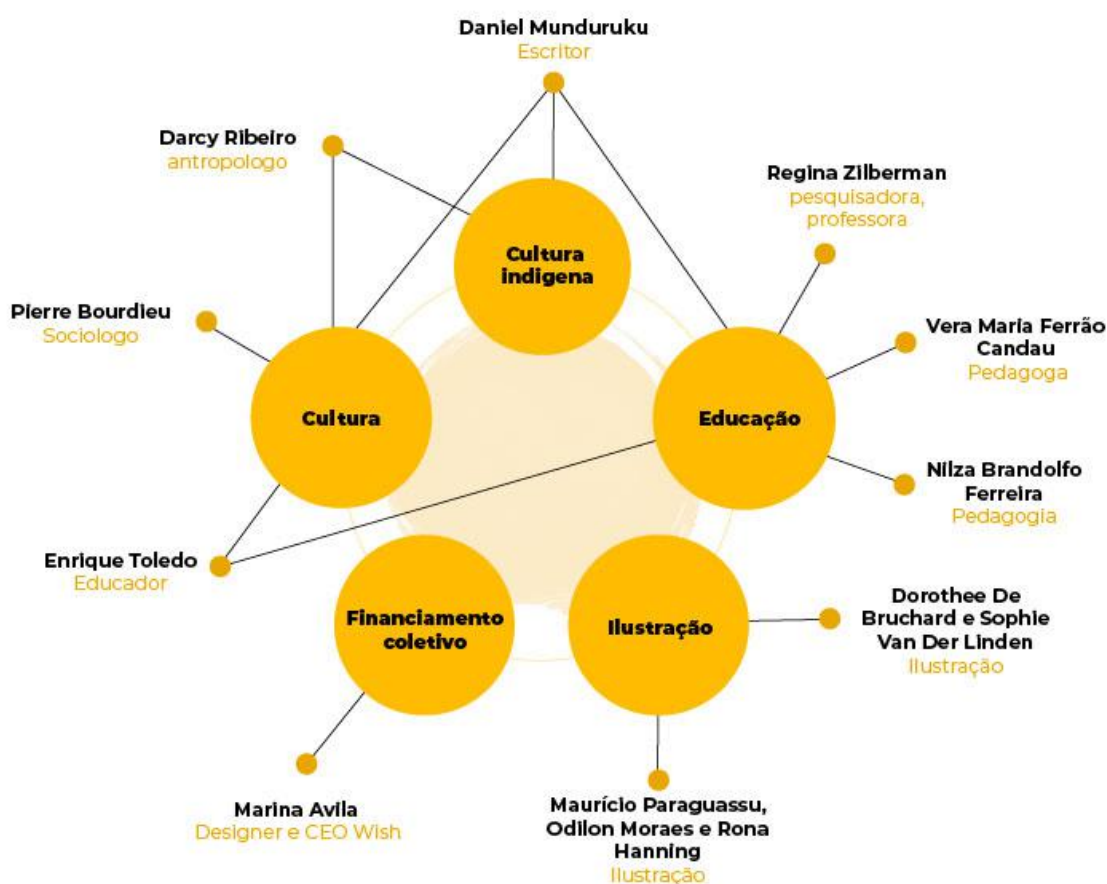
Com Panti a salvo, agora precisavam recuperar Dourado. Então quando os homens responsáveis pelo dourado retornaram, eles passaram a situação e recorreram a polícia. Depois de resgatado, Dourado ficou em uma cidade se recuperando por dias, enquanto Panti esperava na aldeia ansiosamente para que pudesse se reencontrar e se despedir de seu amigo. Então Dourado é levado para sua terra natal e Panti volta para sua vida normal na aldeia.

Certo dia, o homem que havia ajudado Panti a fugir do garimpo aparece na aldeia. O homem se revela como o pai de Panti, que havia fugido da aldeia depois de achar que sua família inteira havia morrido. Então o livro se encerra com uma nova experiência e estreitamento de laços entre Panti e seu pai.

1.3 – Referencial teórico

Para a defesa do objeto proposto, separei minha pesquisa em cinco principais áreas. O reforço da cultura, cultura indígena, educação, ilustração e financiamento coletivo, como é apresentado no diagrama abaixo. Veremos cada item mais aprofundadamente nos próximos capítulos.

Figura 1 - Diagrama de referencial teórico



2 - O tema

2.1 - A importância do reforço cultural na educação básica.

O objetivo deste tópico é ressaltar a importância das raízes culturais no reforço no processo de ensino-aprendizagem na educação básica. A partir de pesquisa bibliográfica serão apresentados alguns estudos e experiências realizados por educadores e pensadores.

Em cada região do planeta, a cultura está presente como um fator fundamental na formação do ser humano. Cada indivíduo tem a sua própria cultura que é transmitida pela escrita, nas manifestações artísticas e pela tradição oral por meio de contos, canções e provérbios. Todos

os nossos gestos, valores e atitudes em busca da sobrevivência são aprendidos na sociedade que nos acolhe. Vale ressaltar que mais do que a formação do leitor, a literatura infantil assume função estética e apresenta-se como elemento cultural inicial no processo de emancipação do sujeito, pois além de propiciar a fruição do texto e a necessidade pela leitura, amplia as possibilidades de experimentação, enriquecendo as vivências infantis. Nas palavras de Coelho (apud FERNANDES, BARBOSA E SILVA, p.2), “Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte”.

O educador espanhol Enrique Toledo, em reportagem do site Jornalismo Sem Fronteiras, afirma: “A todo tempo somos criadores e propagadores de cultura, e compreender isso é muito importante. A cultura tem um papel mais do que intelectual, ela tem um papel social”². Apesar das dificuldades encontradas por boa parte dos professores, os educadores e pesquisadores discutem, há muito tempo, a necessidade da inclusão da cultura nos processos de educação básica.

Enquanto o Brasil ainda caminha na valorização cultural nos ensinos infantil e médio, na Espanha, o Ministerio de la Educación, Cultura y Desporte institui como obrigatórias uma série de disciplinas que visam a valorização da mesma, considerando esse contato indispensável para formação e aprendizagem de seus jovens. A grade de disciplinas obrigatórias até os 12 anos de idade inclui: estudos sociais, educação artística, educação física, conhecimento do meio natural, social e cultural, língua espanhola, língua castelhana, língua estrangeira, literatura e matemáticas. Todas elas são consideradas pelo Ministério como indispensáveis para a formação do indivíduo.

A cultura escolar, para o pensador francês Pierre Bourdieu (apud SILVA, Jididias³):

“[...] é similar à cultura dos grupos sociais, que são hegemônicos e dominantes sobre os demais. Esses grupos do topo da hierarquia social acumulam, por gerações, o conhecimento ensinado nas escolas, e estas, por sua vez, legitimam a predominância cultural deles”.

Quando a escola cobra dos alunos a familiaridade com a alta cultura que só uns poucos possuem, sem levar em conta as diferenças de origem social e suas implicações na socialização do conhecimento, ela reforça as desigualdades preexistentes.

Pierre Bourdieu detectou um descompasso entre as competências culturais exigidas pela escola e as competências culturais desenvolvidas nas famílias da base da pirâmide social.

² Disponível no site: <[www.jornalismosemfronteiras.com.br/Educacao e Cultura: uma não pode ser pensada sem a outra](http://www.jornalismosemfronteiras.com.br/Educacao_e_Cultura_uma_nao_pode_ser_pensada_sem_a_outra)>26/01/2017

³ Disponível em [meuartigo.brasilecola.uol.com.br/A importância da cultura no processo de aprendizagem](http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/A_importancia_da_cultura_no_processo_de_aprendizagem). Acesso em 01 de outubro de 2020

Para ele, o sistema escolar furta-se ao seu papel de oferecer o acesso democrático ao conhecimento a todos quando elege como superior uma competência cultural identificada com o pequeno grupo detentor do capital cultural necessário para praticá-la, o que reforça as distinções entre os grupos, relegando os segmentos populares à inadequação ou ao estigma da incompetência.

Essa restrição do acesso ao conhecimento não é prejudicial somente aos estudantes, ela representa também o desperdício de talentos. A esse processo da exigência escolar de um conhecimento cultural anterior para receber a transmissão do ensino, que implica a negação de outras formas de cultura que não fosse a erudita, Pierre Bourdieu denominou violência simbólica. Para ele a cultura é um elemento que nutre todo o processo educacional e que tem um papel de suma importância na formação de um indivíduo crítico e socializado.

Para Darcy Ribeiro (1975, p. 93):

Cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo coparticipado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação.

Ribeiro converge na ideia de que embora a cultura seja um produto da ação humana, ela é regulada pelas instituições de modo que se lapida a ideia a ser manifestada segundo os interesses ou valores de crenças de determinado grupo social. A cultura para ele também é uma herança que se resume em um conjunto de saberes que são perpassados através das gerações, saberes estes manifestados e experimentados pelos ancestrais.

Embora a escola seja palco dessas múltiplas culturas, ela vem encontrando várias dificuldades em interagir suas práticas educativas mais comuns com a diversidade cultural vivenciada pelos alunos. A cultura que os alunos conhecem são apenas os folclores, ou seja, a cultura chamada tradicional. Não se discute a cultura na sala de aula, apenas dá-se ênfase às culturas distantes da realidade do aluno. A escola deveria seguir o papel de intermediador entre diferentes culturas, permitindo seu debate e as valorizando por meio as matérias, literaturas e eventos escolares.

A partir disso, pode-se concluir que a inclusão de currículo multicultural no ambiente escolar não só possibilita o conhecimento de outras culturas, mas também auxilia no processo de ensino na medida que os professores se utilizem da pluralidade cultural em suas aulas. Quando há essa interação do educador em conhecer e valorizar as demais culturas, ocorre o processo de socialização, em que cada cultura passa a ser vista e entendida, proporcionando um ambiente escolar mais agradável e uma nova perspectiva na forma de aprender.

Atualmente no Brasil, a inclusão do sujeito através da diversidade cultural ainda é inconsistente. Exemplo desse fato é a disciplina curricular obrigatória de religião. O estudo “Laicidade e Ensino Religioso no Brasil”, realizado em 2010 pelas pesquisadoras Debora Diniz, Tatiana Lionço e Vanessa Carrião da Universidade de Brasília, revelou que o ensino nas escolas brasileiras é predominantemente cristão. Nesse estudo, foram avaliados 25 livros didáticos utilizados para orientação dos alunos nas disciplinas, e como resultado as seguintes porcentagens dos grupos de religião: 65% Cristãs, 12% orientais, 8% islâmicas, 7% judaicas, 3% espíritas, 3% afro-brasileiras e 2% indígenas. Com isso, o estudo mostra que o ensino religioso acaba reforçando a intolerância religiosa e os preconceitos, já que inclui superficialmente a maioria das religiões do país, e a representatividade que é mais afetada é a indígena, com apenas 2% desse total. Este é apenas um exemplo de como a temática indígena é abordada de forma rasa na educação brasileira.

Logo, a inclusão de materiais com diferentes temáticas em ambientes escolares é imprescindível para um ambiente multicultural. Existe em nossa constituição a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e as Leis nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008 que têm como objetivo a inclusão obrigatória de literaturas com as temáticas afro-brasileiras e indígenas no ensino básico das escolas. A inclusão de múltiplos temas logo na infância é indicada por especialistas já que nessa idade os estudantes são mais curiosos e abertos, estando mais propensos à inclusão de novos temas, conceitos, filosofias e culturas. O objetivo do presente trabalho é criar um livro com temática indígena, que possa também ser disponibilizado em escolas e bibliotecas para que haja uma aproximação dos alunos à cultura tradicional brasileira, gerando conhecimento, discussões e aprendizado.

2.2 – Classificação de faixa etária em livros

Em estudos de Jean Piaget (apud SILVA, FREITAS E BERTOLETTI, 2006, p.70) a criança passa por fase de transição fundamental entre ação e operação, ou seja, entre aquilo que separa a criança do adulto. Aplicada ao desenvolvimento da leitura na criança, pressupõem-se, também, que o leitor passa por fases previamente determinadas.

Piaget sugeriu a seguinte classificação que é utilizado como suporte teórico nas definições dos livros de literatura infantil e determina a produção do mercado consumidor:

Crianças de 3 a 6 anos: pensamento pré-conceitual, construção dos símbolos. Mentalidade mágica, pré-leitura, desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras: som, ritmo. Exemplos: Livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.

Crianças de 6 a 8 anos: pensamento intuitivo, aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica. Autoestima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real. Leitura compreensiva – textos curtos. Leitura

silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete. Exemplos: Aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasias, e problemas infantis.

Crianças de 8 a 11 anos: operações concretas, Pensamentos descentrados da percepção e ação. Capacidade de classificar, enumerar e ordenar. Leitura interpretativa –desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo. Fantasia. Exemplos: Contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo.

Adolescentes de 11 a 13 anos: operações formais, domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato. Maior orientação para o real. Permanência eventual da fantasia. Leitura informativa, ou factual. Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto á ideia, estrutura e linguagem. Introdução à leitura crítica. Exemplos: Aventuras sensacionalistas: detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, história de amor.

13 a 15 anos: Operações formais Descoberta do mundo interior. Formação de juízos de valor. Leitura crítica, capacidade de assimilar ideias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com material de leitura. Exemplos: Aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, crônicas, contos. (PIAGET apud SILVA, FREITAS E BERTOLETTI, 2006, p.70)

O termo genérico literatura infanto-juvenil pode por vezes afastar o público adolescente, assim algumas editoras criaram selos que identificam a faixa etária com outras denominações, como exemplo a editora Record criou o selo “Galera” que é subdividido em “Galerinha” (crianças até 9 anos), “Galera Junior”(adolescentes de 10 a 14 anos) e o “Galera”, (especificamente para adolescentes acima de 15 anos).

2.3 Representatividade do tema indígena na literatura infanto-juvenil e a competição com a literatura estrangeira.

Difícilmente vamos encontrar em uma lista dos livros mais vendidos ou lidos, um escrito por um brasileiro. O levantamento feito pela Innovare Pesquisa, e postado pelo Shereland, rede de incentivo de empréstimo de livros e blog de literatura, demonstra números que reafirmam esse gosto dos brasileiros. Nas pesquisas da Innovare, o gênero de ficção aparece como o mais vendido, com 7,87% das vendas, e abrange a maioria dos títulos infanto-juvenis publicados.

A lista de sucessos da literatura de ficção estrangeira é enorme. Segundo o site Publishnews⁴, em um levantamento parcial para o ano de 2020, aponta os seguintes livros infanto-juvenis

²Lista de Mais Vendidos de Infantojuvenil de 2020. Disponível em publishnews.com.br/ Lista de Mais Vendidos de Infantojuvenil de 2020. Acesso em 03 de novembro de 2020.

entre os mais vendidos: *Box Harry Potter* (J. K. Rowling), *As aventuras de Mike* (Gabriel Dearo / Manu Digilio), *Harry Potter e a pedra filosofal* (J. K. Rowling), *O diário perdido de Gravity Falls* (Alex Hirsch), *Diário de um Banana - Quebra tudo* (Jeff Kinney) e *Luccas Neto em "Os aventureiros"* (Luccas Neto). Nota-se que só existe um brasileiro nesta lista dos livros mais vendidos.

No Brasil o primeiro livro infantil foi publicado em 1894, quando Figueiredo Pimentel lançou, pela Livraria Quaresma, os *Contos da Carochinha*, obra que divulga histórias de Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans C. Andersen. A publicação de Pimentel é considerada por muitos o primeiro projeto voltado para o segmento desenvolvido no país com uma prática editorial moderna por ser obra dirigida para o público infantil e não ser necessariamente vinculada ao contexto escolar. Alguns anos depois surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro: *Narizinho Arrebitado*, que foi publicado em 1920.

O Brasil tem uma tradição de grandes escritores para o público infanto-juvenil, que de certa forma também faz o caminho inverso, ou seja, tem suas publicações em muitos outros países. Entre estes escritores podemos destacar:

- **Monteiro Lobato** que é conhecido como o pai da literatura infantil no Brasil, por ter sido um dos primeiros a desenvolver um estilo de escrita com linguagem simples em que realidade e fantasia estão lado a lado. O sucesso do seu primeiro livro "*Narizinho arrebitado*", levou o autor a prolongar as aventuras de seu personagem em outros livros girando todos ao redor do "*Sítio do Pica-pau Amarelo*", que fez muito sucesso na adaptação para a televisão.
- **Ana Maria Machado** foi a primeira autora de literatura infantil a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Tem mais de cem livros publicados, com mais de 20 milhões de exemplares vendidos, publicados em vinte idiomas. Recebeu dezenas de prêmios, entre eles, três Prêmios Jabuti, o mais tradicional da literatura brasileira.
- **Edimilson de Almeida Pereira**, um dos mais premiados autores da literatura brasileira, tem textos traduzidos e publicados na Inglaterra, Itália, Espanha, França, Portugal, Alemanha e Estados Unidos.
- **Ruth Rocha** é membro da Academia Paulista de Letras e vencedora do Prêmio Jabuti. Em mais de cinquenta anos dedicados à literatura, a escritora tem mais duzentos títulos publicados e já foi traduzida para vinte e cinco idiomas.
- **Maurício de Sousa** é um dos mais famosos cartunistas do Brasil, membro da Academia Paulista de Letras, criador da "*Turma da Mônica*", que já estimulou várias gerações de crianças a criarem o hábito da leitura através das histórias em quadrinhos, sua obra é sucesso no mundo todo.

- **Ziraldo** é desenhista, cartunista e escritor. Autor da revista em quadrinhos “*A Turma do Pererê*”. Em 1980 lançou o livro infanto-juvenil “*O Menino maluquinho*”, um sucesso que encanta milhares de crianças e que serviu de inspiração para peças de teatro, filme, quadrinhos e seriado de TV.

2.4 – A literatura indígena

Ao longo da História, tudo que sabíamos sobre os indígenas no Brasil era a partir de estudos publicados por antropólogos e folcloristas. Por volta dos anos 1990, os próprios indígenas passaram a escrever também suas histórias. A literatura que eles produzem permite que os leitores de diferentes regiões do país possam conhecer mais de seus costumes, trajetórias, contos, lendas e tradições. “É um direito dos alunos conhecer essas culturas, é um reconhecimento de quem somos como brasileiros. E nos ajuda a entender que não há uma só língua indígena, nem uma só cultura”⁵, aponta Devair Fiorotti, professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Ainda que as publicações de autores indígenas sejam recentes, essa literatura existe muito antes de ser colocada no papel e transformada em livro, como explica Devair. “Literatura é muito associada à palavra escrita, mas desde Homero há uma presença da oralidade nos textos. Nas culturas indígenas também: desde sempre elas produzem artes verbais, literatura oral.” Dessa forma, poemas, cantos, preces e versos produzidos também são literatura indígena, mesmo que ainda que não tenham sido registrados por escrito.

Atualmente, cerca de 160 línguas e dialetos são falados pelos povos indígenas no Brasil, mas havia mais de mil línguas indígenas na época da “descoberta” do Brasil. Por meio dessa integração, houve um ensinamento do vocabulário indígena aos visitantes portugueses, que assimilaram essas palavras para designar esses novos conhecimentos. Como exemplo, podemos citar as palavras: Copacabana, jiboia, sabiá, abacaxi, amendoim etc.

Essa influência dos elementos da vivência, língua e costumes indígenas na nossa vida ao longo da história demonstra a importância do estudo dos diversos aspectos desta cultura para que possamos absorver essas informações para o nosso próprio benefício. É importante conhecer e respeitar a importância dessas culturas para poder contribuir para a preservação desses povos, que na verdade são os donos originais das terras do Brasil.

Assim, uma forma de tornar estas manifestações culturais conhecidas e respeitadas como sendo parte intrínseca nossa própria cultura considerar a importância das escolas de inserir no processo de ensino- aprendizagem, os elementos da cultura indígena.

Literatura indígena: Outros livros, outras histórias do Brasil. Disponível em [escrevendoofuturo.org.br/Literatura indígena: Outros livros, outras histórias do Brasil](http://escrevendoofuturo.org.br/Literatura%20indigena:Outros%20livros,%20outras%20hist%C3%B3rias%20do%20Brasil). Acesso em 03 de novembro de 2020

A partir do conhecimento da literatura que aborda as diversas manifestações e vivências desses povos, os alunos terão a oportunidade de conhecer e compreender os processos de construção do país e da influência da cultura indígena na formação da história e dos aspectos positivos desses povos na formação da cultura brasileira como um todo.

O escritor Daniel Munduruku, em entrevista à Agência Brasil, no dia 10 de setembro de 2013, disse que existe uma literatura na própria língua dos povos indígenas, que fica mais restrita às comunidades, porque tem um número limitado de leitores. Por outro lado, existe outro grupo de escritores que estão produzindo comercialmente livros para serem adotados nas escolas não indígenas brasileiras.

Munduruku explica que existem em torno de 35 autores indígenas que estão publicando regularmente suas obras, alguns com muitos títulos e outros ainda iniciando sua produção. “O mercado hoje tem mais de 100 títulos escritos por autores indígenas. É um número expressivo”, disse em entrevista à Agência Brasil no dia 10 de agosto de 2016.

Um desses escritores é Yaguare Yama, que também é ilustrador, professor e artista plástico indígena nascido no Amazonas. O escritor pertence à etnia Maraguá, que hoje conta com uma média de 1200 habitantes. Ele escreve a partir da sua aldeia, localizada no baixo rio Caiauezinho, no lago do Cuiaué, na bacia do rio Madeira, no município de Nova Olinda do Norte (AM). Autor de onze livros infantis e juvenis, Yaguarê fala, além do Maraguá, seu idioma nacional, o Nhegatu (tupi moderno), o tupi antigo e o português. Atualmente mora na aldeia Yaguawajar, é filiado ao Nearin – Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas e faz parte do INBRAPI – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade intelectual. Sua atividade de escritor e desenhista está vinculada ao movimento de literatura indígena que almeja pôr fim ao preconceito e estereótipos das populações urbanas para com os índios.

Podemos também citar os seguintes escritores indígenas⁶:

- **Eliane Potiguara**, é professora, empreendedora e escritora indígena brasileira. Fundou a Rede Grumin de Mulheres Indígenas e foi umas das 52 brasileiras indicadas ao projeto "Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz".
- **Olívio Jekupé**, também escritor de literatura infantil, é um dos mais renomados e representativos escritores da cultura indígena. É membro do Núcleo de Escritores e Artistas indígenas (Nearin) e um dos fundadores da Associação Guarani Nhe'en Porã.
- **Ailton Krenak**, além de um dos mais renomados líderes indígenas, é escritor, jornalista e produtor gráfico. Ele é fundador da ONG Núcleo de Cultura Indígena e representou o povo indígena ao discursar da Assembleia Nacional Constituinte.

⁶ Disponível no site: ung.br/5-escritores-indigenas-que-voce-deveria-ler>01/09/2020

- **Graça Graúna**, escritora formada em letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é uma das mais importantes escritoras indígenas do País. Ela coordenou o “Projeto de Especialização para Formação de Professores Indígenas no Estado de Pernambuco”, que ganhou destaque em todo País.
- **Daniel Munduruku** avaliou que a Lei 11.645/2008, que estabeleceu a obrigatoriedade de as escolas brasileiras públicas e privadas trabalharem a temática indígena em todo o currículo, desde o ensino fundamental até o médio, contribuiu para impulsionar essa produção literária.

Ele reconheceu, em reportagem para a Agência Brasil em 10/09/2013, que “ainda se percebe muito no país a repetição do estereótipo”, mas acredita que a aproximação entre os escritores indígenas e o restante da população contribui para desmistificar ideias errôneas sobre os povos indígenas e eliminar preconceitos.

3 – A ilustração

3.1 – O que é?

A origem palavra ilustração vem do Latim "*illustris*"⁷, que significa brilhar, iluminar. Uma ilustração auxilia no entendimento de uma mensagem, esclarece o pensamento, iluminando a compreensão. O conceito influenciou a escolha do termo "iluminismo" para designar o movimento intelectual do século XVIII, pautado no uso da ciência e da razão para questionar preceitos filosóficos, recusando dogmas. Em uma definição mais completa, ilustração é uma imagem que acompanha um texto, que passa uma mensagem, que pretende informar, explicar, esclarecer, elucidar, corroborar, exemplificar ou auxiliar no entendimento de algo. As ilustrações podem acompanhar textos ou podem ser imagens que, por si só, cumprem a função de comunicar é uma imagem que passa uma mensagem.

Em junho de 1865, Lewis Carrol publicou o livro *Alice no País das Maravilhas*. Logo no primeiro capítulo tem o seguinte texto: "Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada ao lado da irmã no barranco e não ter nada que fazer: uma ou duas vezes espiara o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, "e para que serve um livro", pensou Alice, "sem figuras nem diálogos?". As figuras, que Alice se refere, são as ilustrações do livro, que, principalmente na infância, instigam a curiosidade e convidam à leitura de um texto de livro, revista ou qualquer outro tipo de publicação.

As primeiras ilustrações surgiram como necessidade de contar uma história, retratar um fato, expressar uma ideia, mostrar algo que, de outra forma, não seria tão simples de se transmitir. Na pré-história, os nossos ancestrais, utilizaram as paredes das cavernas para registrar com as inscrições rupestres o que viam no seu cotidiano, O ser humano utiliza ilustrações para auxiliar na sua comunicação desde a pré-história, antes mesmo do desenvolvimento da escrita.

Portanto as ilustrações tinham o objetivo de registrar os acontecimentos ao longo da história. Foram encontradas ilustrações em várias civilizações antigas, que representavam construções de templos, palácios ou representando deuses e os ideais das religiões para as pessoas analfabetas.

Durante o Renascimento surgiram as ilustrações ligadas ao desenho técnico com ilustrações que representavam o desenvolvimento da ciência, com medicina e arquitetura. Também nessa época surgiu a ilustração satírica.

⁷ Disponível no site: dicio.dom.br/ilustração. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

Com o tempo a ilustração vai ganhando mais espaço no mercado editorial com o desenvolvimento de novas técnicas como a água forte, a litografia e a cromolitografia e a xilogravura. Com o surgimento da fotografia que registrava o real, as ilustrações tornaram-se mais voltadas à imaginação. A criação de novos processos de impressão, o aperfeiçoamento de tintas e o desenvolvimento da impressão em meio tom que permitiu aos ilustradores novas possibilidades no desenvolvimento de suas ilustrações, passando a ser reconhecida como arte comercial. Nos últimos anos com o desenvolvimento da computação, foram criadas ferramentas poderosas para o desenvolvimento de ilustrações⁸.

3.2 - Ilustração em livros

Segundo Linden (2011, p. 24),

“livros com ilustração: obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações. O texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.”

A ilustração sempre foi utilizada com um atrativo a parte na criação de um livro. Nos livros direcionados a adultos, não é muito usual encontrar uma publicação com ilustrações, sendo texto predominante. A ilustração nesse caso é restrita à confecção das capas do livro.

A ilustração nos livros tem o poder de atrair e encantar as crianças. Elas gostam de observar as figuras, cores, detalhes e não tem muito interesse por livros que não possuem imagens fotos, imagens ou desenhos. A aplicação de técnicas de ilustração é importante para despertar o desejo da criança para começar a ler um livro e incentivar a continuação da leitura. O público infantil necessita de estímulos visuais e do lúdico para se interessar por uma obra.

Podemos encontrar três tipos básicos de obras na literatura infantil: O livro ilustrado, o livro imagem e o livro verbal-visual⁹.

- No livro ilustrado, o protagonista é o texto, as ilustrações pontuam alguns aspectos da história o complementando. as ilustrações têm o objetivo de auxiliar na compreensão do conteúdo ou na construção de significados.
- No livro imagem, a história é narrada apenas pelas imagens (exceto a informações como o título, nome do autor etc.)

⁸ Disponível no site: www.priti.com.br>Um Breve Panorama da história da ilustração. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

⁹ Disponível no site: ceale.fae.ufmg.br / Ilustração em livros de literatura infantil. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

- No livro verbal-visual, a história é contada pelo texto e pelas ilustrações, ambas fundamentais para compreensão da história.

As ilustrações também estão em capas de livros, revistas, cartazes de filmes e peças de teatro. Uma ilustração não é, necessariamente, um desenho, podendo ser uma foto, uma colagem ou uma pintura.

4 - O projeto

Como apresentado anteriormente, o projeto consiste na produção de um livro com ilustrações. O público-alvo é o infanto-juvenil, indicado inicialmente para crianças de 9 a 14 anos, um público considerado de transição para textos mais longos e complexos. O livro está dividido em 16 capítulos, com ilustrações capitulares e ilustrações de vinheta sendo posicionadas por todo o livro, para assim guiar e apoiar visualmente o leitor.

4.1 – Referências de livro

Como principais referência de estrutura e ilustrações do projeto tomei os livros “NÓS – Uma antologia indígena” de Mauricio Negro e da editora Companhia das Letrinhas publicado em 2019, sendo um livro infanto-juvenil com um compilado de histórias indígenas escritas por indígenas, e o livro “Alice no País das Maravilhas e através do espelho” de Lewis Carroll na versão da editora Zahar e publicado em 2010, sendo um livro juvenil.

Figura 2: Estrutura do Livro " Nós: Uma antologia de literatura indígena, editora Companhia das Letrinhas "



Figura 3: Estrutura do livro " Alice no País das Maravilhas e através do espelho, editora zahar"



A ideia principal da estrutura escolhida é uma ilustração capitular principal, e ilustrações de vinheta ao decorrer do livro.

4.2 – A cor

A escolha de cor foi algo bem importante para esse projeto. Como forma de barateamento da impressão, foi escolhido o uso de uma cor especial para compor o projeto, visando a impressão em gráficas trabalham com máquinas bicolor para alta tiragem, mas podendo ser produzidas em 4 cores (CMYK) em digital caso seja viabilizado para um processo sob demanda. Segundo Villas-Boas (2008, p.48) cores especiais, diferente da escala de impressão CMYK, onde a mistura das quatro retículas (ou meio-tom) são utilizadas para criar os mais variados tons e cores, é um processo em que a cor, que seria feita através da simulação de meios-tons, é produzida de forma a estar pronta sem a necessidade de sobreposição das retículas. No geral esse tipo de escolha pode baratear o custo da impressão, sendo utilizadas apenas duas chapas em um projeto que no processo CMYK utilizariam quatro chapas, ou encarecer, adicionando mais uma chapa à escala.

[...] Em primeiro lugar, quando queremos um impresso que tenha cores, mas dispomos de um orçamento baixo. Uma policromia faz com que todos os custos de pré-impressão e impressão (exceto o papel) sejam multiplicados por quatro, por serem quatro as cores da escala. Afinal, como observado anteriormente, cada tinta representa uma impressão em separado e um impresso em policromia recebe, na realidade, quatro impressões (com quatro fotolitos e quatro matrizes). Uma alternativa é optar por apenas duas ou três cores, barateando os custos. Chega-se a obter resultados formidáveis desta forma. (VILLAS-BOAS, 2008, p.48)

Para o projeto, foram escolhidas a cor preta (K), um amarelo alaranjado (Pantone© **137 C**) como cor especial e o fundo também como protagonista. A escolha do amarelo foi devida a presença da cor nas culturas indígenas. No geral, as pinturas, arte e artesanatos indígenas utilizam as cores preta derivada do jenipapo, a vermelha feita do urucum, a branca que vem da tabatinga, e a amarela que vem das penas e sementes e a verde, que representa as matas. Como no título e enredo do livro é muito exposta a palavra “dourado”, a cor amarela foi a que mais se encaixou, além de dar leveza, jovialidade e alegria ao projeto.

Figura 4: Esquema de cores

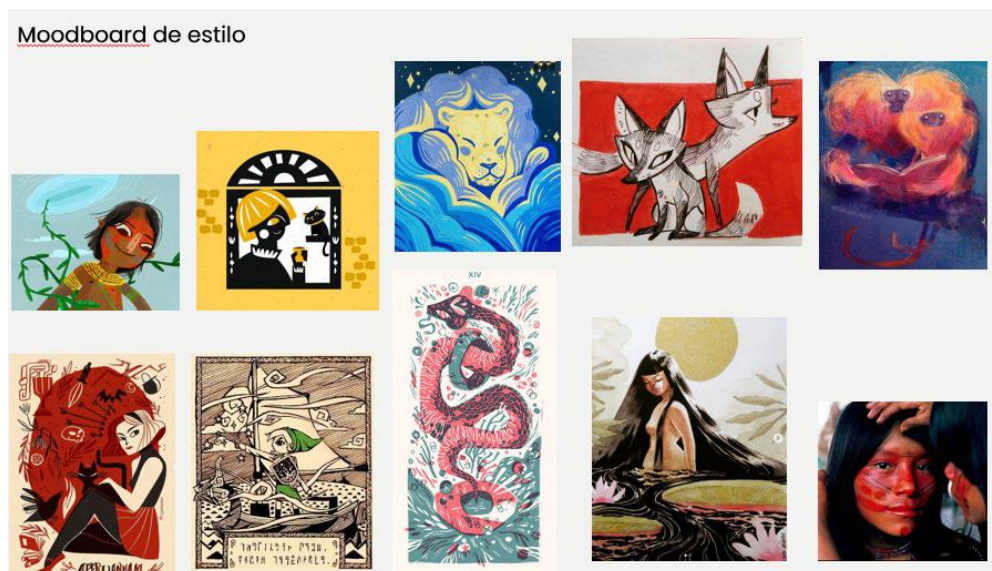


Além disso, segundo Guimarães (apud COUTINHO e SILVA, 2006) o uso de cores mais vivas, luminosas e intensas exige uma maior participação do leitor, sendo adequado para leitores mais jovens.

4.3 – As ilustrações

Para a criar o estilo das ilustrações do livro foi feita uma pesquisa visual utilizando imagens de referência agrupadas em um *moodboard*, com referências e atmosfera da história. O estilo escolhido para realizar as ilustrações foi algo mais leve, com uma mistura de xilogravura, grafismos tradicionais indígenas e personagens mais angulares e simplificados.

Figura 5: Moodboard de estilo



Após a construção do *moodboard*, foram realizados diversos experimentos para encontrar o estilo visual adequado para as ilustrações. Os primeiros esboços das ilustrações foram feitos com papel e lápis, passando depois para o software procreate. No programa, busquei utilizar recursos como texturas, padronagens, transparências e *brushes* que simulam materiais tradicionais (como tinta, aquarela e giz) para “sujar” as imagens e evitar o aspecto polido geralmente associado à pintura digital.

Mesmo que o livro não deixe claro a região onde se passa a história, como referencial para as ilustrações, fiz um estudo de quais eram as árvores e vegetação predominantes da floresta amazônica e tropical. Com isso, criei um padrão de ambiente para as ilustrações.

Figura 6: Referências de vegetação



4.3.1 – Personagens: Panti

Panti é o protagonista da história, é um menino curioso e alegre. É órfão de mãe desde o nascimento e o pai desapareceu há anos. Foi criado pelo pajé Mauus, seu tio, que o trata como filho e principalmente amigo. Tem 11 anos de idade, tem olhos negros e levemente puxados. É inteligente, corajoso, gosta de brincar com lakassu, e com as crianças da aldeia.

Em termos visuais, o design de Panti tem como principal inspiração as diferentes culturas indígenas brasileiras. O design do personagem em si não sofreu modificações durante o processo criativo. Foram feitos esboços iniciais de sua aparência e, após escolhida, foi mantido em todas as ilustrações.

Figura 7 - Primeiros esboços em lápis



Figura 9 - Esboços feitos digitalmente



Figura 8 – aparência final de Panty



Figura 10 – Teste de cena



4.3.2 – Personagens: Dourado e lakassu.

Os dois companheiros de aventura de Panti são muito importantes para a história. lakassu, o cachorro-do-mato, também conhecido como lobinho, têm o pelo cinza, com detalhes em preto. Foi achado na floresta sozinho e fraco. Desde então Panti cuida dele. É dócil, apesar de selvagem e convive bem com todos na aldeia. Gosta de comer frutas e caçar pequenos animais. E o Dourado, que é um filhote de leão achado perto da aldeia. Toda a história se passa em função dele ser estranho à floresta brasileira. Sua pelagem é amarelada e levemente dourada.

O design desses dois personagens foi inicialmente desafiador, visto que já tinha um estilo definido com o design de Panti, que era humano, mas ainda não havia aplicado o estilo a animais. Inicialmente foi feita uma pesquisa de referências para serem utilizadas buscando fugir dos traços de personagens de filmes clássicos infantis, como por exemplo o personagem Simba (O Rei Leão, 1994) . Após esse processo, consegui reproduzir dois estilos de ilustração: uma mais verossímil e uma mais caracterizada. A versão escolhida como design final para o personagem foi o a mais caracterizada, por se encaixar mais ao estilo proposto para o livro. Após definido o estilo de Dourado, o mesmo foi replicado para o personagem lakassu.

Figura 11 - Opção realista para Dourado

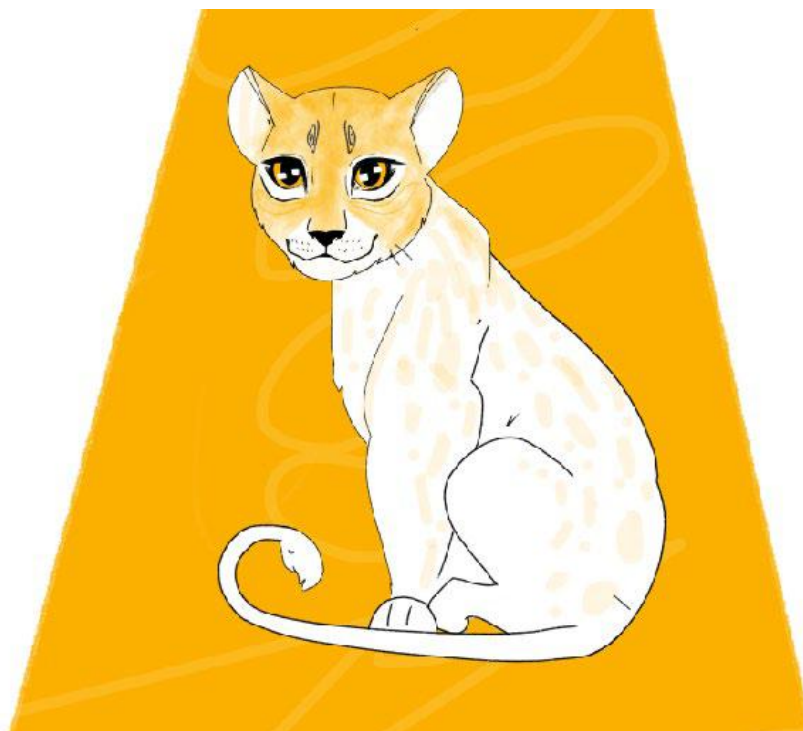


Figura 12 - opção caracterizada e final



Figura 13 - Personagem lakassu



4.3.3 – Outros personagens

Os personagens de suporte à Panti foram pensados de acordo com o contexto e construção da ilustração capitular. Visto que os personagens principais (Panti, Dourado e Iakassu) já estavam fundamentados em estilo, a produção desses personagens foi sendo feita de acordo com a necessidade da estrutura da ilustração. Sendo assim, os personagens pajé Mauus, cacique Tinguelá, Tinguá, Alberto, Marcos Vinicius e Iokye foram caracterizados de acordo com a sua aparição na história.

Figura 14 - Personagem pajé Mauus . Ilustração do capítulo 7



4.3.4 - Ilustrações dos capítulos

Figura 15 - Ilustração capítulo 1: a noite



Figura 16 - Ilustração capítulo 2: uma aventura na floresta



Figura 17 - Ilustração capítulo 3: um estranho no ninho



Figura 18 - Ilustração capítulo 4: o temporal



Figura 19 - ilustração capítulo 5: os três em fuga



Figura 20 - Ilustração capítulo 6: um mar de lama

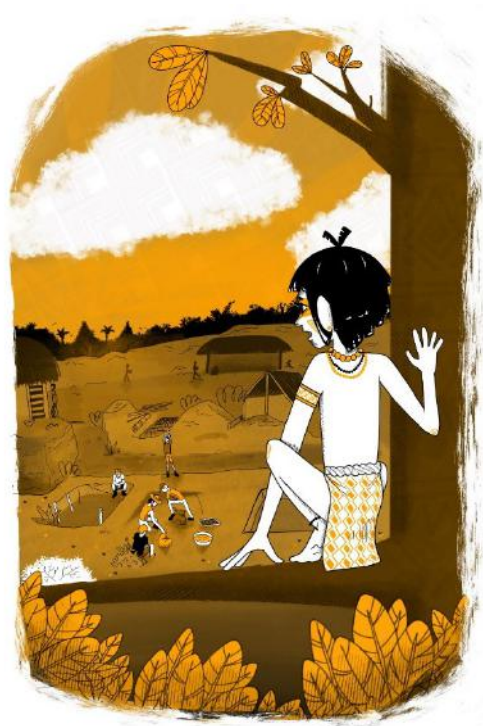


Figura 21 - Ilustração capítulo 7: A busca dos fugitivos



Figura 22 - Ilustração capítulo 8: o pequeno herói



Figura 23 - Ilustração capítulo 9: a fuga



Figura 24 - Ilustração capítulo 10: o guia esperto

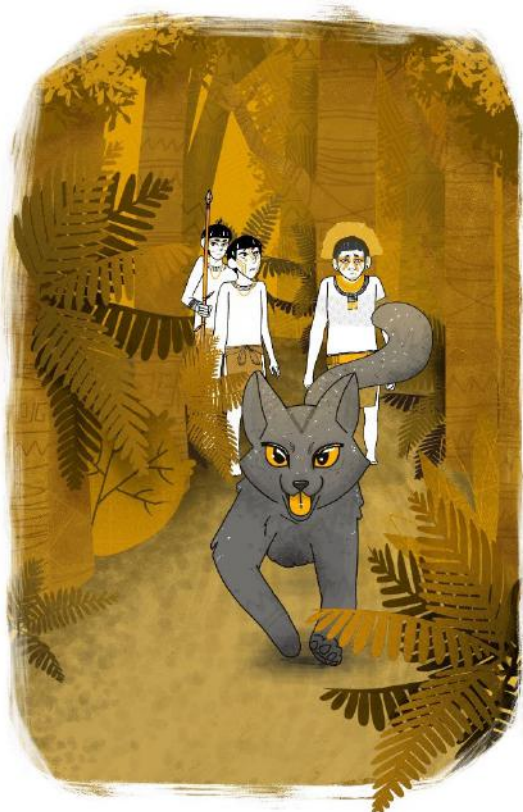


Figura 25 - Ilustração capítulo 11: a solidão da noite



Figura 26 - Ilustração capítulo 12: vozes na floresta



Figura 27 - Ilustração capítulo 13: as meninas moças



Figura 28 - Ilustração capítulo 14: o



Figura 29 - Ilustração capítulo 15: o pequeno líder



Figura 30 - Ilustração capítulo 16: o pássaro do sonho



4.3.5 – Ilustrações de vinheta

Com o intuito de criar riqueza visual durante o livro, foram feitas ilustrações de vinheta para ilustrar pequenos acontecimentos, lendas e objetos durante o texto. O estilo dessas ilustrações segue o estilo principal proposto, porém é feito em monocromia (uso de apenas uma cor) em amarelo.

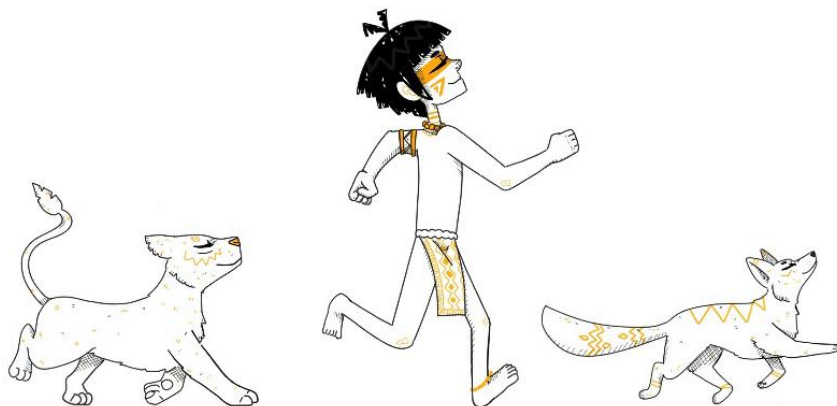
As ilustrações de vinheta, ou ilustrações complementares são pequenas ilustrações que são adicionadas ao livro como forma de elemento decorativo que serve para reforçar e ornamentar e complementar o espaço em branco do papel.

“A vinheta seria uma pequena ilustração, de até cerca de um quarto do tamanho da página. Do francês vignette (pequena vinha), as vinhetas representavam, na origem, cachos e folhas da videira, símbolo da abundância.” (CAMARGO apud OLIVEIRA e SEGABINAZICAMARGO, 1995).

Figura 31 - Ilustrações de vinheta



Figura 32 - Ilustração folha de rosto

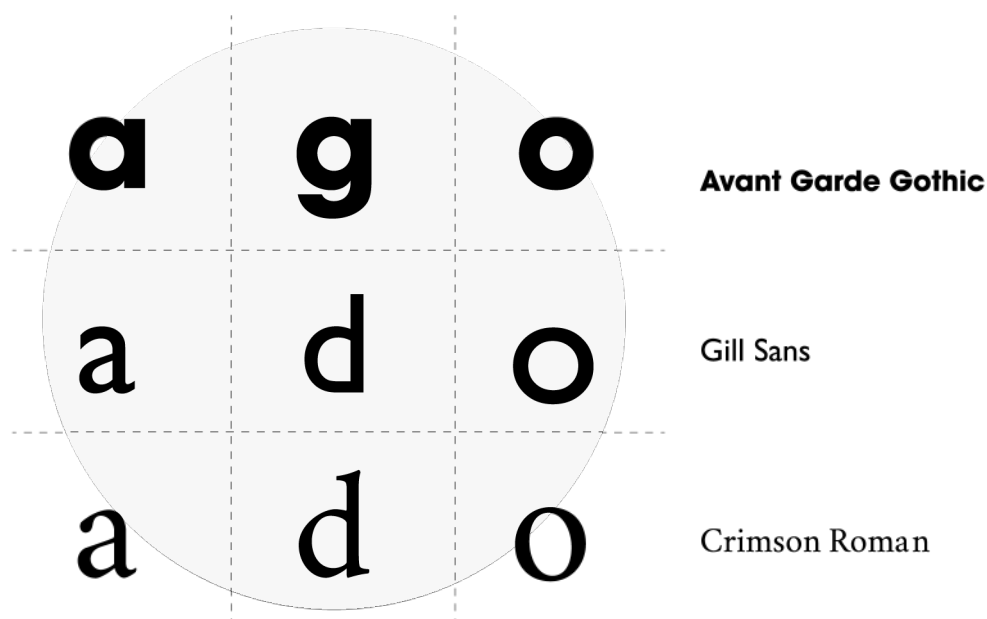


4.4 - A tipografia

Alguns fatores foram importantes para a escolha da família tipográfica do projeto. Assim como mais a frente irei dissertar sobre aspectos importantes sobre a diagramação e grid em projetos para o público infanto juvenil, a escolha da tipografia também foi escolhida considerando as necessidades desse público.

Uma questão bastante discutida por estudiosos do assunto é o uso de serifa em livros infantis. Alguns autores defendem seu uso, como Coghill (apud LOURENÇO, 2011, p.98) que defende o uso da tipografia com serifa pois apresentam maior diferenciação entre as letras. Para ela, o uso de serifa ajuda no agrupamento das palavras, seguindo o princípio de proximidade da Gestalt.

Figura 33 - Exemplo da diferença das fontes



Outros autores, como Sassoon e Willians (apud CASARINI e FARIAS, p.65) defendem o uso das tipografias sem serifa, com formas simples, sem inclinação e que se assemelhe à escrita infantil nos primeiros anos de contato da criança com a leitura.

Por se tratar de um público-alvo transicional das leituras de textos mais leves e curtos para textos mais densos e longos, a família tipográfica escolhida para o texto principal do livro foi a Crimson, uma fonte com serifa. Como mostrado na imagem acima, essa família tipográfica possui uma boa diferenciação entre as letras. A Crimson Text, que é uma família de fontes Oldstyle, típica para produção de livros. É uma fonte inspirada na Garamond, porém possui o corpo um pouco mais arredondado, além de ter um traço mais grosso. Essa tipografia é simples e clássica, combina bem com o projeto gráfico, sem conflitar com os elementos principais.

Figura 34 - Tipos da família Crimson Text Roman

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Como fonte de apoio, foi utilizada a fonte Smoothy Slanted, que foi utilizada em destaques de texto, por seu aspecto espontâneo e rústico, simulando o pincel.

Figura 35 - Tipos da família Smoothy Slanted

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Figura 36 - Estudo de lettering

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ



Após escolhidas as tipografias utilizadas para o texto, foram feitos estudos de *letterings* para o título do livro. Foram realizados estudos de estrutura, adicionando grafismos indígenas na composição.

O *lettering* final escolhido contém grafismos indígenas e foi inspirado pelas maquiagens utilizadas por Panti. Em conjunto com o *lettering*, foram desenvolvidas letras de apoio semelhantes ao título para compor os títulos dos capítulos e capitulares.

Figura 37 - Fontes feitas para aplicação em títulos e capitulares

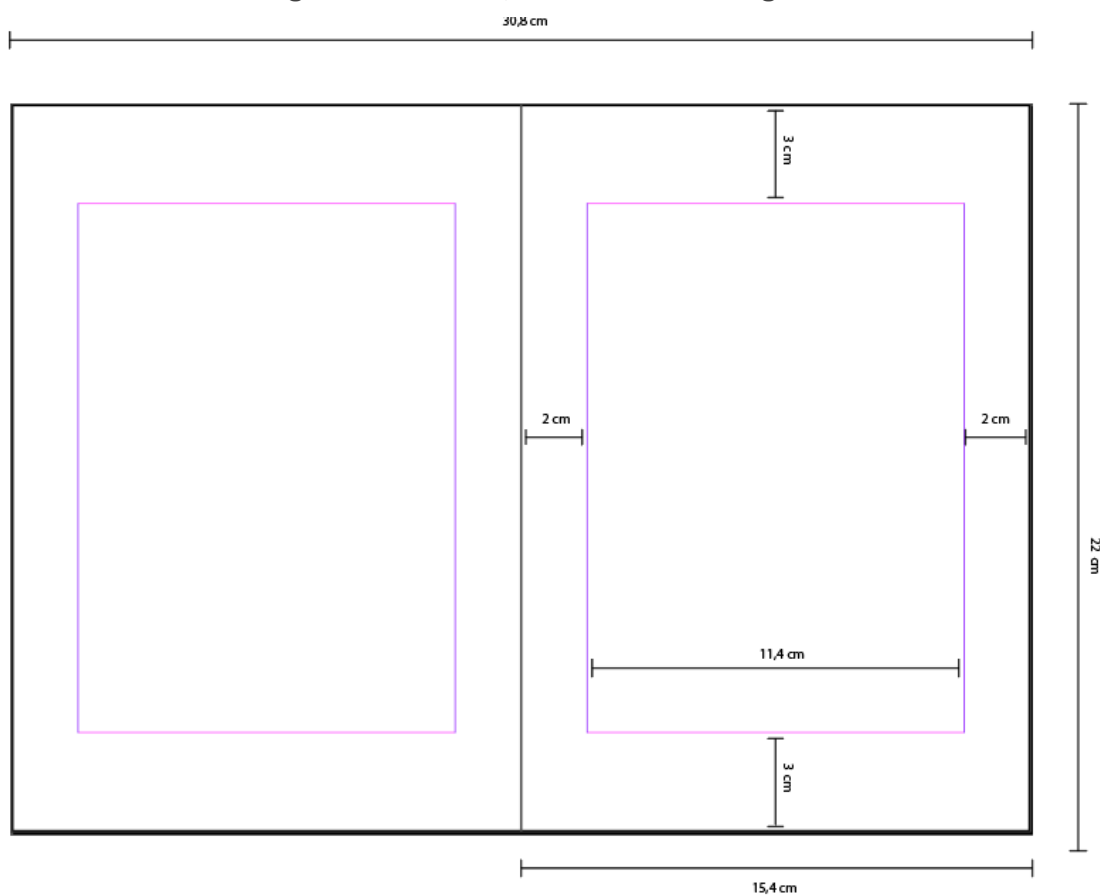


4.4 – Configurações gráficas

O livro está dividido em 16 capítulos e formato escolhido fechado de 15,4 cm de largura por 22 cm de altura. Esse tamanho auxilia a criança a segurá-lo por mais tempo sem o desconforto, já que se encaixa melhor tanto nas mãos pequenas como as grandes. O tamanho do livro aberto é de 22 x 30,8 cm com a capa (com orelhas de 8cm) flexível, feita em papel Duo Design. O miolo possui 108 páginas, impressos em papel pólen bold 90g.

O grid escolhido suporta a prosta por Burt (apud COUTINHO e SILVA, 2006) com uma área de texto interna medindo 11,4cm e possui 2 cm nas duas laterais e 3cm nas margens superior e inferior.

Figura 38 - Definição da estrutura e grid do livro



4.5 – Diagramação

A família tipográfica Crimson Text, em sua variedade roman foi escolhida para compor o livro no tamanho 12pt, com entrelinhas de 0,254cm, conforme indicado por Burt (apud COUTINHO e SILVA, 2006) dando maior espaçamento nas entrelinhas, para garantir que a leitura não será desagradável, considerando que são apresentados textos longos.

4.6 – Espelho / Caminho de ferro

Figura 39 - Caminho de ferro - Capítulo 1 a 8



4.7 – Mockups

Figura 40 - Mockup capítulo 1, páginas 12 e 13



Figura 41 - Mockup capítulo 1, páginas 14 e 15

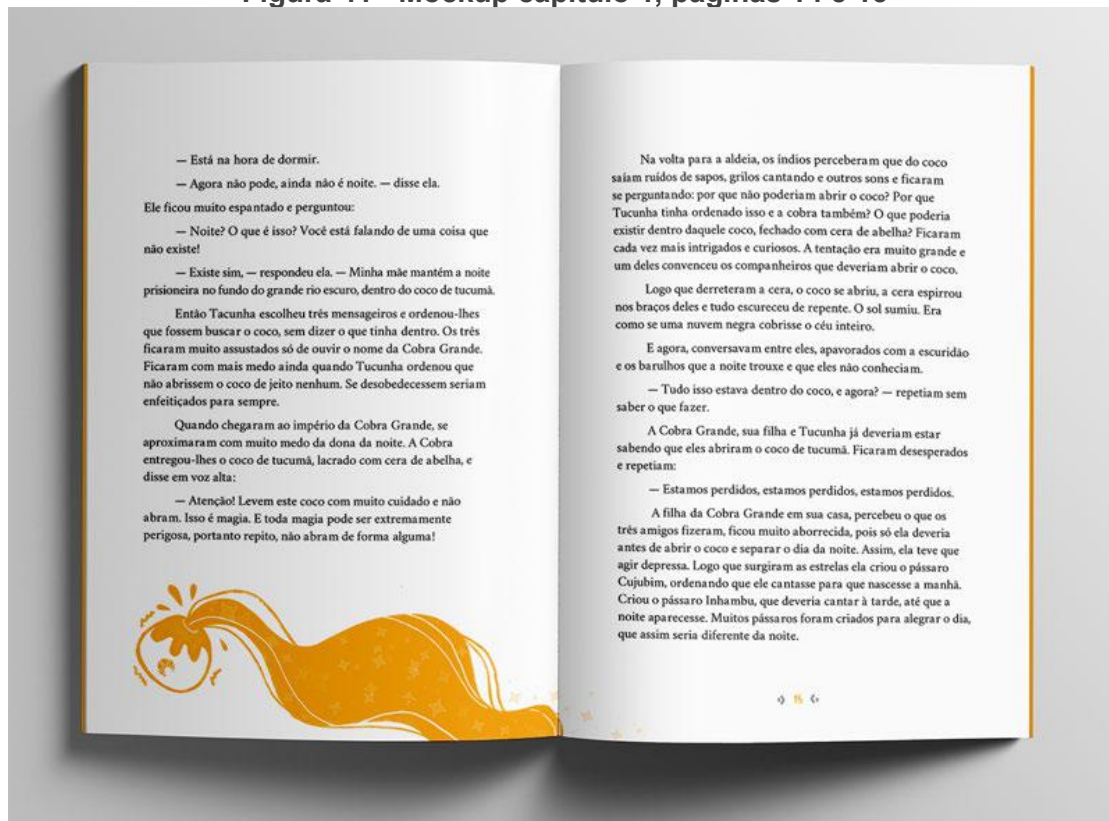


Figura 42 - Mockup capítulo 2, páginas 18 e 19



Figura 43 - Mockup capítulo 2, páginas 20 e 21



Figura 44 - Mockup capítulo 8, páginas 50 e 51



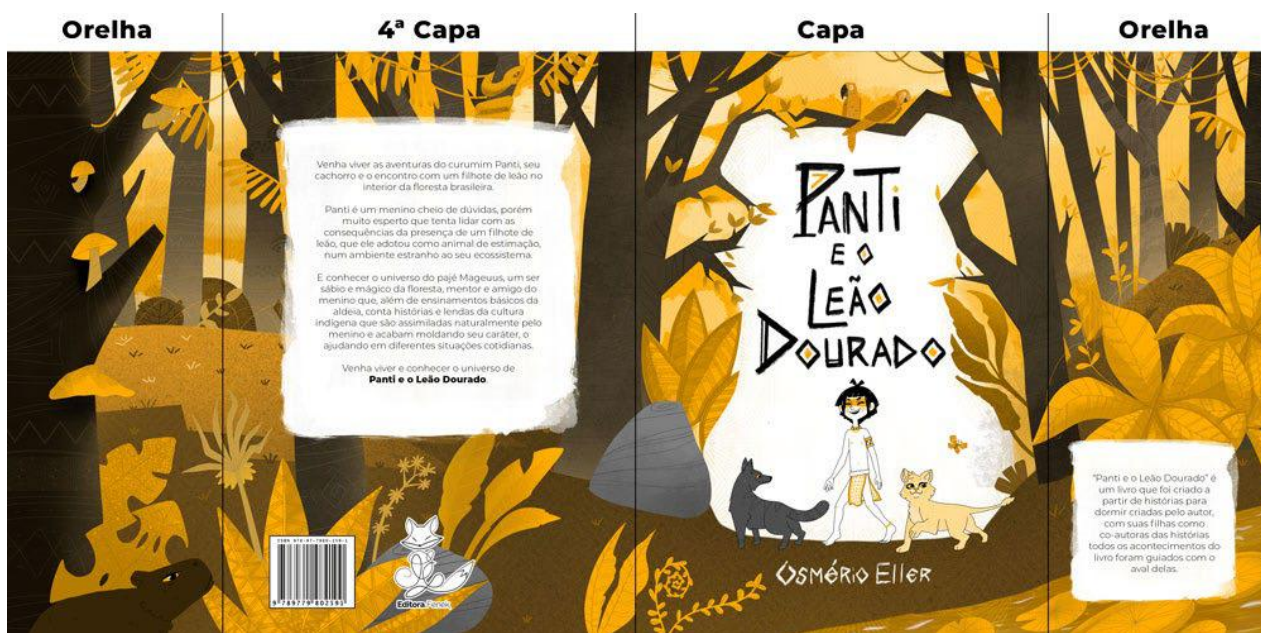
4.9 – A capa

Considerando a grande importância da capa no estabelecimento de expectativas em relação ao livro ilustrado, ela ilustra um momento chave da história, onde Panti foge da aldeia com medo de que seu novo amigo seja levado embora. A Capa se expande para as guardas e 4ª capa de forma que Panti fique imerso em sua aventura. Outro ponto importante na capa é que o espaço em branco mais as formas das árvores formam o delineado de um leão.

Figura 45 - Capa



Figura 46 - Capa aberta



5 – Financiamento coletivo – *Crowdfunding*

5.3 – O que é?

O intuito do projeto sempre foi produzir um objeto que possa ser impresso. Isso influenciou a escolha do papel, o barateamento das cores e o formato. Após entrar em contato com a história de criação da editora Wish, uma editora que nasceu de um TCC e que é especializada em contos fantásticos raros, optei pelo lançamento de forma independente do livro, por meio do financiamento coletivo.

O financiamento coletivo ou *crowdfunding* é uma alternativa para viabilizar projetos de artistas independentes por meio de contribuição financeira de pessoas ou instituições.

Segundo AVILA e VALQUÍRIA (p.43), as vantagens desse tipo de financiamentos são:

- **Segurança**, tanto para os apoiadores, como os idealizadores, já que utiliza plataformas onde podem ser criadas metas flexíveis ou fechadas, e caso o projeto não arrecade o suficiente para acontecer, as duas partes são ressarcidas.
- **Poder de gestão**, já que a plataforma mantém uma comunidade viva de apoiadores.
- **Experiência**, pois os idealizadores têm a oportunidade de participar de todo o processo de publicação do livro, desde a diagramação até a impressão e distribuição.
- **Visibilidade**, considerando que além dos esforços próprios de divulgação, o projeto costuma ser compartilhada pela própria plataforma.

5.1 – O processo

Para criar uma campanha de financiamento coletivo é necessário primeiramente escolher uma plataforma. Hoje em dia existem diversas plataformas, mas as mais conhecidas são o Catarse e a Benfeitoria.

Escolhida a ferramenta, é necessário criar uma conta e adicionar o projeto definindo recompensas. As plataformas também disponibilizam áreas para serem adicionados vídeos explicando o projeto, inclusão de imagens com fotos do livro ou *mockups* e um texto explicando a motivação.

Nessa modalidade de financiamento, os apoiadores podem escolher diversas formas de ajuda, cada uma com um tipo de recompensa alinhado com o valor contribuído.

Outra parte importante é a divulgação do projeto, sendo necessário a criação de peças para redes sociais e o investimento em campanhas de engajamento.

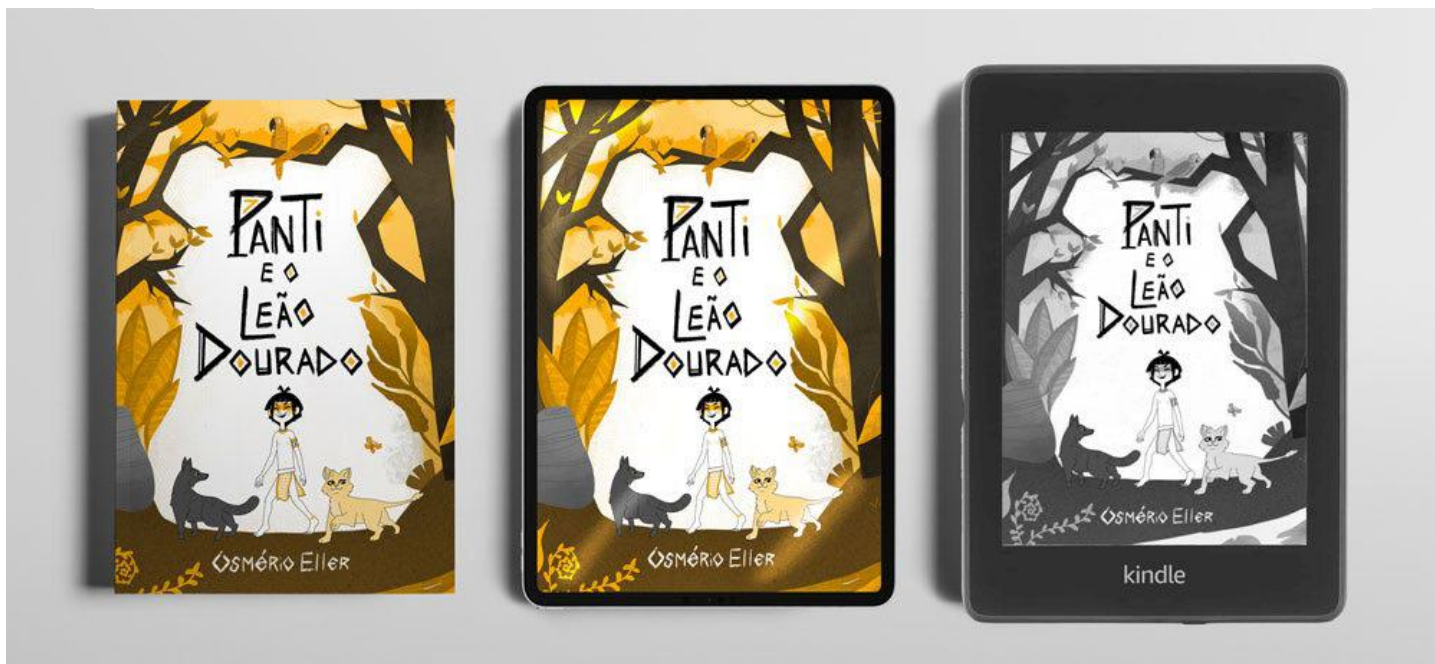
5.1 - Recompensas

No caso do livro *Panti e o Leão Dourado*, serão oferecidas como recompensas os seguintes itens:

5.3.3 – O livro

O livro pode ser adicionado como recompensa em sua forma digital (e-book) ou impressa. Como forma de criar a oportunidade de pessoas contribuírem com baixo investimento, o livro digital formato colorido e preto e branco (kindle) será disponibilizado para as primeiras recompensas.

Figura 47 - Tipos de livros: físico, digital e kindle



5.3.4 - Pin

Figura 48 - Mockup da proposta de Pin



5.3.5 – Marca-páginas

Figura 49 - Ilustração do marca páginas



5.3.6 – Poster

Figura 50 - Ilustração do poster



6 - Conclusão

O projeto me proporcionou aprendizados que vão além do âmbito técnico e criativo do design. Os aprendizados percebidos permearam o campo profissional e o pessoal.

Primeiramente, um grande desafio para mim nesse projeto foi o retorno ao campo de ilustração, que durante a faculdade foi despriorizado visto outras inúmeras possibilidades que o design possui. Esse processo foi realmente muito importante já que o projeto além de trazer de volta um hábito que amava, que era ilustrar, também resultou em um grande aprimoramento técnico e conceitual no ato de ilustrar, pois nunca havia me aventurado em ilustrações digitais.

A pesquisa sobre o reforço cultural me fez ver um mundo que não está normalmente visível aos nossos olhos, e o quão precioso é. Estamos em um mundo onde acontece tantas coisas ao mesmo tempo que as vezes perdemos um pouco de contato com nossas raízes, então quanto mais reforçarmos a nossa diversidade e riqueza, mais evoluiremos.

O desenvolvimento de um projeto extenso, em meio de um ambiente incerto também foi de muito aprendizado. O exercício do foco e responsabilidade foram imprescindíveis para que essa incerteza não atingisse também as minhas entregas.

Pessoalmente esse projeto me proporcionou a oportunidade de unir as diversas experiências durante os anos da faculdade, que além das pesquisas realizadas com o propósito de embasamento teórico, foram essenciais para a sua finalização. Por esses motivos, considero que o objetivo final do projeto foi alcançado.

7 - Referências bibliográficas

5 escritores indígenas que você deveria ler. Disponível em: <https://www.ung.br/> / **5 escritores indígenas que você deveria ler.** Acesso em 11 de outubro de 2020

Aprendizagem em foco. Disponível em [institutounibanco.org.br/Aprendizagem em foco](http://institutounibanco.org.br/Aprendizagem-em-foco). Acesso em 11 de outubro de 2020.

AVILA e VALQUÍRIA. **Crowd**, o guia de financiamento coletivo para livros. São Paulo: Editora Wish, 2020.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos.** *Revista Brasileira de Educação*, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação.** *Educ. Soc.*, 79: 125-161, 2002.

DICCIONARIO de ilustradores ibero-americanos. Disponível em: www.smdiccionarioilustradores.com/index_i.php. Acesso em: 19 de fevereiro de 2021.

Educação e Cultura: uma não pode ser pensada sem a outra. Disponível em [jornalismoemfronteiras.com.br/ Educação e Cultura: uma não pode ser pensada sem a outra](http://jornalismoemfronteiras.com.br/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Cultura-uma-n%C3%A3o-pode-ser-pensada-sem-a-outra). Acesso em 10 de outubro de 2020

FERNANDES, BARBOSA e SILVA. **Literatura infantil e pedagogia: reflexões a respeito da formação de uma nova mentalidade leitora.**

FERREIRA, Nilza Brandolfo. **A relação Cultura e Educação.** Projeto apresentado no curso de Pós-Graduação Lato Sensu: Psicopedagogia Clínica e Educacional a UNESP.São Paulo,2005

HANNING, R.; MORAIS, O.; **Paraguassu. M. Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Lista de Mais Vendidos de Infanto-juvenil de 2020. www.Publishnews.com.br/ Lista de Mais Vendidos de Infanto-juvenil de 2020 . Acesso em 11 de outubro de 2020

Literatura indígena: Outros livros, outras histórias do brasil. Disponível em [escrevendoofuturo.org.br/Literatura indígena: Outros livros, outras histórias do brasil](http://escrevendoofuturo.org.br/Literatura-indigena-Outros-livros-outras-historias-do-brasil). Acesso em 03 de novembro de 2020

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbetes paradidáticos.** Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Acesso em 19 de março de 2021.

OLIVEIRA, SEGABINAZI. **A formação virtuosa através da ilustração em Livro das Crianças**, de Zalina Rolim

SILVA, Jididias. Disponível em [meuartigo.brasilecola.uol.com.br/A importância da cultura no processo de aprendizagem](http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/A-importancia-da-cultura-no-processo-de-aprendizagem). Acesso em 01 de outubro de 2020

VAN DER LINDEN, S. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ZILBERMAN, R. **Quando fala a ilustração.** Como e por que ler a literatura infantil brasileira.